

RASURAS EM CONTEXTO DIGITAL NA ESCRITA UNIVERSITÁRIA: DE QUE “OUTROS” É PRECISO SE DEFENDER E A QUE OUTROS É PRECISO RECORRER?

Tatiane Henrique Sousa Machado¹

Resumo: O presente artigo, à luz dos pressupostos teóricos de heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz (1990), objetiva analisar as rasuras em contexto digital identificadas em enunciados produzidos por universitários, a fim de verificar, nessas marcas, as diferentes representações do discurso do outro. Para cumprir o objetivo, elegeu-se o tratamento metodológico inspirado no Paradigma Indiciário, proposto por Ginzburg (1983), a partir do qual analisou-se trinta enunciados produzidos por acadêmicos do primeiro ano do curso de Direito, no ano de 2017, os quais atenderam à proposta de escrever um artigo de opinião. Ao longo desses enunciados identificou-se que o “outro” compreendido como “outra língua/outra variedade linguística” foi mais recorrente, entrando em cena o conflito entre representações do que seria ou não uma escrita em consonância com a variante linguística padrão culta.

Palavras-chave: Heterogeneidade enunciativa; Aquisição da escrita. Rasura.

DIGITAL SCRIPTS IN UNIVERSITY WRITING: THAT “OTHERS” MUST BE DEFENDED AND THAT OTHERS NEED TO APPEAR

Abstract: The present study based on the theoretical assumptions of enunciative heterogeneities by Authier-Revuz (1990) aims to analyze the digital erasures identified in statements produced by university students, in order to verify in these marks the different representations of the other’s discourse. To fulfill the objective, the methodological treatment inspired by the Paradigm of the Indictment, proposed by Ginzburg (1983), was chosen, from which we analyzed 30 statements produced by academics from the first year of the Law course, in 2017, which met the proposal to write an opinion article. Throughout these statements, it was possible to identify that the “other” understood as “another language / other linguistic variety” was more recurrent, entering into the scene the conflict between representations of what would be written in line with the standard norm and written in disagreement with it.

Key-Words: Enunciative heterogeneity; Acquisition of writing. Erasure.

¹ Doutoranda em Letras, Programa de Pós-Graduação (UEM). E-mail: tatiane@prof.unipar.br

Introduzindo nossos estudos...

Na universidade, convivem diferentes sujeitos com diferentes expectativas relacionadas ao Ensino Superior. Nesse cenário, cabe à universidade conduzi-los por práticas com objetivos específicos, com vistas ao diálogo com essa nova comunidade. Contudo, muitas vezes, as práticas de escrita e leitura valorizadas no meio acadêmico distanciam-se das experiências e dos interesses dos acadêmicos, promovendo um descompasso entre expectativas institucionais e expectativas do acadêmico, que culminam, muitas vezes, na culpabilização do alunado, considerado “fraco”.

Na literatura, em diferentes países, alguns pesquisadores têm se dedicado a esta temática, como as de Lillis (1999), Street (2010), Zavala (2010), Marinho (2010) que analisam a escrita acadêmica como prática social, logo, sob o escopo teórico dos Novos Estudos do Letramento. Nessa perspectiva, assume-se que as práticas sociais de escrita são permeadas por questões de identidade, poder e autoridade, que produzem efeitos sobre o sucesso ou o insucesso das propostas de escrita planejadas. Em função dos objetivos propostos neste estudo, não discutir-se-á essas pesquisas.

Especificamente, também existem, na literatura, pesquisas que focalizam, sob diferentes perspectivas, a distância entre “as expectativas projetadas pela instituição e por seus representantes entre o oferecimento de condições de produção do texto e, aquilo que o aluno efetivamente consegue produzir” (KOMESU, GAMBARATO, 2013, p. 16) dentre eles: “práticas institucionais do mistério” (LILLIS, 1999); dimensões “escondidas” (STREET, 2010); “presumidos sociais do gênero do discurso” (CORRÊA, 2011). O ponto em comum entre essas pesquisas é que existiriam dimensões não explicitadas pelo docente ou mesmo avaliadores de textos acadêmicos, porém cobradas pela academia. Assim, é plausível compartilhar da

concepção de Correia (2011) de que nas práticas de escrita realizadas na universidade sempre existirão presumidos sociais, ou seja, ao fato de professor/universidade e alunos não compartilharem do mesmo horizonte espacial e ideacional, ou seja, os presumidos sociais, o “conjuntamente visto, conjuntamente sabido e conjuntamente avaliado” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1976) que promoveriam alguns descompassos.

No presente estudo, objetiva-se também problematizar o caráter “definitivo” atribuído à escrita na academia, analisando rasuras em contexto digital, gestos de retorno do sujeito escrevente sob a sua própria escrita, por meio da escrita eletrônica realizada na ferramenta *Google Docs*. Sendo assim, elege-se como objetivo analisar as rasuras identificadas em enunciados produzidos por universitários, a fim de verificar as diferentes representações do discurso do outro. Para tanto, parte-se do reconhecimento das rasuras como manifestações da heterogeneidade mostrada, não linguisticamente marcada, mas sim presente por meio de virtualidades (CALIL, 2004). Portanto, gestos que remetem à imersão de uma dupla designação “a de um lugar para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma alteridade a que o fragmento remete” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 30). Lugares onde é possível perceber um conflito com inúmeros outros que constituem o discurso: outra língua/variedade, um outro discurso, outra modalidade de sentidos, outras palavras e outros interlocutores (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Assim, as rasuras configurar-se-iam como local privilegiado, a partir do qual se pode observar um conflito do escrevente com a representação da sua escrita, evidenciando assim a complexidade da relação sujeito-linguagem.

Para análise dessa complexidade elegeram-se as rasuras identificadas em textos produzidos por uma turma de primeiro ano do curso de Direito

de uma Universidade particular do noroeste do Paraná. Especificamente, em atendimento a uma proposta de escrita de um artigo de opinião por meio da ferramenta GoogleDocs.”²

Para melhor compreensão, o presente estudo foi organizado da seguinte forma: Inicialmente, apresentou-se o referencial teórico sobre a concepção de heterogeneidades enunciativas, defendidos nos estudos de Authier-Revuz. Posteriormente, a caracterização de como a rasura tem sido estudada no campo linguístico e neste estudo, seguido dos aspectos metodológicos desta pesquisa. Por fim, os resultados bem como as considerações finais advindas da análise realizada.

Heterogeneidades enunciativas

A(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) reconhecidas por Authier-Revuz (1990) reconhecem o discurso como produto de interdiscursos, na “abordagem de um sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e sua releitura por Lacan” e no dialogismo *bakhtiniano* (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26). A partir disso, a autora problematiza a complexidade enunciativa, compreendendo a “heterogeneidade mostrada como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

Conforme Authier-Revuz (1990, 1998), as formas da heterogeneidade mostradas podem ser classificadas em dois grupos: *heterogeneidade mostrada não-marcada* e *heterogeneidade mostrada marcada*. Nas primeiras, encontram-se o discurso indireto livre, a ironia, metáforas, dentre outras, consideradas “formas de negociação mais arriscadas, porque joga[m] com a diluição, com a dissolução do outro

no um, onde este, precisamente aqui, pode ser, enfaticamente, confirmado mas também onde pode se perder” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 34). Enquanto nas segundas, formas mostradas marcadas, encontram-se as citações, discurso relatado (direto e indireto), ou seja, momentos em que o locutor abre espaço para o outro no seu discurso, um desdobramento do dizer.

Nas palavras da autora, as formas de heterogeneidade mostrada do discurso alterariam “a univocidade aparente da *cadeia discursiva*, pois elas inscrevem o *outro*” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29, *grifos da autora*), uma vez que

Representam uma negociação com as forças centrífugas, de desagregação, da heterogeneidade constitutiva: elas constroem no desenvolvimento desta, uma representação da enunciação, que, por ser ilusória, é uma proteção necessária para que um discurso possa ser mantido. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33).

Nessa concepção, as formas de heterogeneidade ou de não coincidências são tomadas como “o modo “dobrado” do dizer de um elemento X aparece, na superfície do dizer, como um microacontecimento [...] de algo no dizer de X que altera a sua transparência, e a resposta a esse encontro” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 189, *grifos da autora*).

Destaca-se que dentre as formas de heterogeneidade mostrada estudadas por Authier-Revuz (1990, dentre outros), englobam-se discurso direto, indireto livre, aspas, itálico, citações, alusões, ironia, formas de retoque dentre outras. Portanto, a pesquisadora não focaliza a rasura, contudo, tal como Calil (2004) e Capristano (2013), neste estudo reconhece-se que embora não se mostrem marcas linguísticas de glosas, pode-se percebê-las presentes como virtualidades (Calil, 2004, p. 47). Logo, podem ser consideradas “formas de retoque ou glosa”, manifestações de heterogeneidade mostrada, que sinalizam a cisão desse discurso ilusoriamente uno,

² Esse material foi coletado para um projeto de pesquisa maior, denominado “Pontos de Conflito: as rasuras na escrita universitária”. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Parecer 2.086.753).

já que se pode perceber uma dupla designação: “a de *um lugar* para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e de uma *alteridade* a que o fragmento remete” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 30, *grifos da autora*).

Para analisar as formas de heterogeneidade mostrada, compreendidas como não coincidências, Authier-Revuz (2004) destaca diferentes pontos de representação de heterogeneidade ou de não coincidências: (a) não coincidência interlocutiva; (b) não coincidência do discurso com ele mesmo; (c) não coincidência entre as palavras e as coisas; (e) não coincidência das palavras com elas mesmas. Essas não coincidências relativizam a “maneira de dizer”, sinalizando que a enunciação supostamente *una* é habitada pelo “*não um*”. Esse *não um* pode ser representado pelos inúmeros outros.

Em primeiro lugar, a não coincidência interlocutiva é compreendida por Authier-Revuz (2004, p. 182) com o fato de o enunciador e destinatário, por meio de glosas ou outras estratégias representarem que uma determinada palavra, modo de dizer ou sentido, não são imediatamente partilhados. Por exemplo, em: “X, compreenda...” ou “X se você vê o que quero dizer”. Em segundo, a não coincidência do discurso com ele mesmo abarca as glosas que sinalizam a presença estranha de palavras pertencentes a outros discursos, tais como em “X, como diz o fulano ou X, no sentido de tal discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 183). Em terceiro, a não coincidência entre as palavras e as coisas, que representariam hesitações, fracassos na produção de uma suposta “palavra certa”, logo, adequada à coisa, como em: “X, como eu diria ou” “X, melhor dizendo, Y”. Por fim, a não coincidência das palavras com elas mesmas, em que se pode inferir uma recusa ou aceitação aos fatos da polissemia, homonímia, trocadilho, e outros, como por exemplo, em: “X, em sentido próprio, figurado ou X, não no sentido ...”

Essas formas não são consideradas reflexos do acesso direto ao real da enunciação, mas como hipóteses teóricas sobre o funcionamento real (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 191), ou seja, respostas dos enunciadores ao encontro com a não coincidência, que se mostrariam por representações como:

Hesitação (X, enfim X, se quisermos, se assim se pode dizer, se for possível falar de “X” em...); de retoque ou de retificação (X, ou melhor, Y; X, eu deveria ter dito Y; X, o que estou dizendo? com jogos sutis (eu ia dizer Y); ou confirmações (X, é mesmo X que (quero dizer) (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 15).

Entende-se que, nas rasuras também é possível perceber este gesto de retorno do sujeito sobre o seu próprio dizer, objetivando tecer algum tipo de alteração, um tropeço, um confronto em determinados pontos do enunciado, que poderiam ser recuperados pelo pesquisador. Portanto, indicariam “uma aparente negociação do ‘um’ com os outros que o constituem e determinam a emergência dos enunciados que produz” (CAPRISTANO, 2013, p. 666).

Dentre as formas de heterogeneidade, Authier-Revuz (1990) destaca que essas podem ser acompanhadas de uma ruptura sintática (discurso relatado direto ou introduzido por um termo metalinguístico, como, por exemplo, em: (a) “a fórmula “X””; (b) “Z disse “X””). Em outros casos, o fragmento é incorporado à cadeia discursiva, sem ruptura sintática”. No caso das rasuras, não há, textualmente uma ruptura sintática, já que de modo implícito, a alteridade é aparente no ambiente discursivo. Pode-se dizer que ocorre um “reconhecimento”, para melhor negar a sua onipresença, ou seja, a heterogeneidade mostrada marca a heterogeneidade constitutiva do discurso, por meio da denegação, quando da tentativa de negar a sua existência.

Interessa-se, neste estudo, analisar as rasuras, observando que a marca deste “tropeço” na cadeia do discurso sinaliza o não um, tal como definições de Authier-Revuz (1990, p. 30-31), que pode ser: (a) uma outra língua/variedade; (b) um outro discurso (técnico, feminista, marxista); (c) uma outra modalidade de consideração de sentido (polissemia, homonímia, metáfora); (d) uma outra palavra; (e) um outro, o interlocutor, dentre outros possíveis.

Vale acrescentar que esse equívoco explicitado pela rasura não se fundam em insucessos ou ajustamentos que poderiam ser interpretados como atividades metalinguísticas, mas sim “*defeito consubstancial à linguagem – uma das não coincidências que a atravessam – que emerge, localmente, na superfície do dizer*” (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 658, *grifos da autora*) em pontos sensíveis na construção do dizer. Assumimos, portanto, que o processo de enunciação não é transparente ao enunciador, logo, não há metalinguagem, mas um sujeito efeito, dividido e destituído do domínio do seu dizer.

Com base nesses pressupostos teóricos pode-se ancorar no conceito de heterogeneidade enunciativa para analisar as rasuras, observando, nestas rachaduras, marcas das diferentes representações do discurso do outro, permitindo, portanto, analisar “de que outro é preciso se defender, a que outros é preciso recorrer” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 31). Assim, para melhor caracterizar o que se considera por rasura apresentar-se-á na sequência um recorte teórico da concepção de rasura assumida.

Rasura

Os primeiros estudos acerca da rasura se deram no âmbito da Crítica Genética no final da década de 60. Nesta área de estudo analisa-se o processo de produção que engloba tudo que se escreve antes ou

em vista do texto a ser publicado (WILLEMART, 1993), sobressaindo a complexidade do conceito de autoria e distanciando-se das concepções de inspiração (ZULAR, 2002, p. 15). Assim, o trabalho do geneticista consiste em “decifrar os rascunhos e a escritura escondida atrás das rasuras, das manchas e rabiscos” (WILLEMART, 1993, p. 17, grifos nossos), visando a definir o processo de criação.

Fora da Crítica Genética alguns estudos linguísticos dedicaram-se a analisar as rasuras como parte do processo de aquisição da escrita infantil, tomando-as como marcas do *status* de divisão enunciativa do escrevente. Esses estudos dedicaram-se, especificamente, à análise da aquisição da escrita infantil, tais como Calil (1997, 1998, 1999, 2004, 2007, dentre outros), Felipeto (2008a, 2008b) e Calil e Felipeto (2001, 2008), Capristano (2013), Machado (2014), Capristano e Chacon (2014), Machado e Capristano (2015), dentre outros.

Consideram-se nesses estudos que as rasuras são momentos do processo de escritura nos quais o sujeito “volta-se sobre aquilo que foi dito ou escrito, para anular, substituir, deslocar, acrescentar, dizer de outro modo algo que já havia falado ou escrito” (CALIL, 2008, p. 104). Portanto, momentos nos quais o pesquisador consegue perceber as não-coincidências enunciativas que permitem a construção de novos sentidos. Esses novos sentidos, por sua vez, não partem de um roteiro pré-definido, uma vez que podem ir em direção ao previsível ou à ruptura, contudo, podem ser observados caminhos preferenciais.

Nos estudos de Capristano (2013) e Capristano e Machado (2014) e Machado e Capristano (2015), rasuras são interpretadas como momentos nos quais a criança reconhece as diferenças entre a sua escrita e a escrita do outro. Portanto, não seriam evidências de conhecimento ou capacidade metalinguística, mas “sinais do deslocamento da criança em relação à (sua) escrita

e à escrita do *outro* e, portanto, indícios da divisão enunciativa do sujeito escrevente” (CAPRISTANO, 2013, p. 675, *grifos da autora*). Machado e Capristano (2016) destacam que, especificamente, nas rasuras ligadas à segmentação gráfica, ou seja, alocação de espaços em branco entre palavras, na escrita infantil, o caminho preferencial reside numa ancoragem em práticas orais – no primeiro gesto, antes da rasura – e, posteriormente, um registro ancorado nas práticas letradas – último gesto, após o rasuramento.

Contudo, também se reconhece que a ausência de rasuras não equivale à ausência do processo de divisão enunciativa, uma vez que, pode sim, o escrevente “deparar-se com a disparidade entre a sua escrita e a escrita do *outro* sem deixar marcas desse movimento” (CAPRISTANO, 2013, p. 677, *grifos da autora*).

Por conseguinte, compreende-se que as rasuras são “indicativas do *conflito* do sujeito escrevente com os fatos determinantes da (sua) enunciação escrita” (Machado, Capristano, 2016, p. 341, *grifos das autoras*). Observa-se, portanto, alternativas de escrita em concorrência, coexistindo, permitindo percorrer “a particularidade de colocar em cena ao menos duas direções que se abrem para o escrevente no momento” (CAPRISTANO, MACHADO, 2015, p. 341).

Com o advento da escrita digital, diretamente no computador, pesquisadores como os da Crítica Genética observaram a necessidade de alteração dos estudos, em busca das pegadas deixadas pelo escritor, na escrita digital, tais como recortes, colações, substituições, exclusões, que muitas vezes, não deixam marcas no texto “final”. A partir disso, os estudos da gênese da escrita, filiados à Crítica Genética, destacaram o potencial do que consideram rascunho digital, ou seja, versões, rascunhos, mediante zelosos backups (SILVA, 2008; BIASI, 2008).

Aprimorou-se neste artigo de conceitos da Crítica Genética, para analisar o que denomina-se de “rasuras em contexto digital”, ou seja, gestos de apagamento, substituição, inserção no texto escrito por meio eletrônico, caminhos abandonados, projetos de dizeres substituídos, que indiciam um conflito do sujeito escrevente com a (sua) escrita. Os gestos abandonados, excluídos, e os gestos eleitos, após o rasuramento, chegariam ao pesquisador como pistas, tais como as rasuras na escrita manuscrita, constituindo como marcas de um “esforço” que o enunciador deverá fazer para tratar – suprimir ou acolher [...] estes ‘outros sentidos’ que não ‘dormem’, mas ‘existem’, não ‘abolidos’ pelo contexto, em um ponto X do dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 30, *grifos da autora*).

Para acessar as rasuras em contexto digital recorre-se à ferramenta *Google Docs* que pode ser utilizada para Web, Android e iOS, e permite criar, editar e visualizar documentos de texto e compartilhá-los com diferentes usuários, podendo os usuários editar ou somente ler o documento. Neste estudo em questão, os alunos escreveram um artigo de opinião, usando essa ferramenta. Como a escrita foi realizada em grupos de três integrantes foram selecionadas àquelas nas quais o escrevente volta-se sobre a sua própria escrita, ou seja, altera partes do enunciado, anteriormente escrito por ele mesmo (já que a ferramenta permite analisar quem escreveu, quando escreveu, quem alterou, quando alterou), conforme exemplo a seguir:

Tem-se que a irresponsabilidade e o descaso da sociedade à respeito da preservação de nossos rios e suas respectivas nascentes tem tornado-se tão grande, que muitas vezes sem que haja consciência de que a própria sociedade é quem sofrerá as consequências de tal ato, ~~acabam desperdiçando água diariamente, assim como descartam~~ acabam descartando quantidades significativas de lixo em lagos ou rios, ou utilizando de má forma as áreas próximas às nascentes, ~~e tornam tornando assim~~ a proliferação de tóxicos cada dia mais intensas, ~~assim como muitas vezes provoca o assoreamento de tais áreas.~~

Fig. 1: Exemplo de rasuras em contexto digital

Analisando-se o ícone “histórico de edições” disponibilizado pela ferramenta *Google Docs*, pode os usuários, bem como o pesquisador resgatar as alterações, por usuário, por data e hora. No exemplo, supracitado, percebe-se que, inicialmente, o gesto de escrita inicial rejeitado era:

Primeiro gesto de escrita (abandonado)	Último gesto de escrita
[...] a própria sociedade é quem sofrerá as consequências de tal ato, acabam desperdiçando água diariamente, assim como descartam quantidades significativas de lixos, e tornam assim a proliferação de tóxicos cada dia mais intensas.	[...] a própria sociedade é quem sofrerá as consequências de tal ato, acabam descartando quantidades significativas de lixos em lagos ou rios, ou utilizando má forma as áreas próximas às nascentes, tornando a proliferação de tóxicos cada dia mais intensas, assim como muitas vezes provoca o assoreamento de tais áreas.

Assim, conforme o exemplo supracitado, na Figura 1, foram identificados: (02) apagamentos (a) “acabam desperdiçando água diariamente, assim como descartam”; (b) e tornam assim. Além disso, (4) inserções: (a) acabam descartando; (b) tornando; (c) em lagos ou rios, ou utilizando má forma as áreas próximas às nascentes, tornando; (d), assim como muitas vezes provoca o assoreamento de tais áreas. Destaca-se ainda que as duas primeiras possuem uma finalidade mais vinculada à substituição, enquanto as duas últimas de adição.

Gestos como esses – abandonados e eleitos – são considerados como não-coincidências que atravessam a superfície do dizer, ou seja:

As paradas-sobre-palavras dos laços opacificantes não remetem a insucessos ou ajustamentos da interação: aparecem como pontos sensíveis no avançar do dizer – com aquilo que comporta de ingovernável, de descoberta e de tropeço – pontos onde, para o enunciador, aflora a linguagem, a consistência e a resistência da língua no centro do dizer (AUTHIER- REVUZ, 2011, p. 658).

Tais “tropeços” não são desajustes a serem extirpados, mas, sim, na hipótese assumida neste artigo como momentos que se permite ver o sujeito escrevente em conflito com outros dizeres, outros discursos, outra variedade linguística, outros saberes, outro gênero, muitas vezes, não reconhecidos pelo professor, dada a análise restrita ao produto final.

Como nos estudos de rasuras em textos manuscritos, de crianças, especificamente, Capristano (2013), Machado (2014) e Machado e Capristano (2016), considera-se, nesta pesquisa, que as rasuras permitem tecer respostas a alguns questionamentos sobre o processo de aquisição da escrita, na medida em que, ao considerar que as rasuras não são meros borrões, mas indícios da relação sujeito-linguagem, permitiria ao pesquisador alcançar (em parte) particularidades desse processo, para assim tecer proposições explicativas.

Para melhor compreensão do recorte metodológico apresenta-se, na próxima seção, as orientações metodológicas adotadas para realização deste estudo.

Metodologia

No presente estudo, a fim de analisar as rasuras em contexto digital identificadas em enunciados produzidos por universitários, consideradas marcas as diferentes representações do discurso do outro, elegeu-se como material de pesquisa trinta enunciados produzidos por acadêmicos do curso de Direito

(1º ano) de uma universidade particular do interior do Paraná (Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, protocolo 2.086.753).

Para cumprir o objetivo proposto inspirados nos pressupostos do Paradigma Indiciário, proposto por Ginzburg (1983), método abduutivo que consiste na busca de uma conclusão pela interpretação de indícios, iniciando pelos fatos para sugerir hipóteses. Aproxima-se ao ato de “seguir os fios de um tear” (GINZBURG, 1983, p. 119), pois, nesse método, centraliza-se a pesquisa na observação atenta dos dados, procurando explicações para eles.

Os enunciados analisados foram propostos numa atividade da disciplina de Linguagem Jurídica, na qual sou professora docente responsável. Na ocasião, solicitou-se aos alunos que escrevessem o gênero artigo de opinião de modo colaborativo (escrito em grupos de até três integrantes) por meio da ferramenta *Google Docs*. A ferramenta *Google Docs* permite aos alunos, bem como ao docente, acompanharem o desenvolvimento do texto, podendo analisar as alterações realizadas por todos, mediante visualização de diferentes versões. Para realização do texto, os alunos tiveram trinta dias, sendo que foi explicado anteriormente o caráter do gênero discursivo, bem como também foram apresentados outros artigos de opinião escritos em jornais, como Umuarama Ilustrado (local) e Folha de São Paulo (nacional).

Além disso, os alunos contaram com o apoio de um capítulo sobre artigo de opinião da autora Abaurre, Abaurre e Pontara (2008). Como a disciplina conta com duas horas semanais, a redação do texto não poderia ser realizada em sala.

A construção do artigo de opinião ocorreu de forma virtual, sem a necessidade de encontros presenciais, contudo, vários grupos reuniram-se na biblioteca, para conversar sobre o tema e iniciar a escrita. A seguir expôs-se a proposta apresentada aos alunos

Quadro 1: Proposta apresentada aos alunos

PROPOSTA DE ATIVIDADE	
Escreva um artigo de opinião que poderá ser publicado no JORNAL UMUARAMA ILUSTRADO posicionando-se sobre o tema: “Sustentabilidade: a importância da preservação dos rios e nascentes no Brasil e na nossa região”	
O artigo de opinião configura-se como um texto dissertativo-argumentativo, objetivando defender argumentos favoráveis a sua tese e visando a convencer o público leitor da validade de sua tese.	
<u>Orientações antes da escrita:</u>	
0. Leia e informe-se sobre o tema a fim de definir argumentos e fatos;	
a.	Leia a coluna “Artigos” do Jornal Umuarama Ilustrado e editoriais de outros jornais;
b.	Para compreensão do gênero artigo na pasta do curso “Artigo de opinião: definição e usos” (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2010);
<u>Orientações durante e pós-escrita</u>	
d.	Escrito em 3ª pessoa;
0.	Com Título;
0.	Máximo 450 palavras;
0.	Atendimento à norma padrão da Língua Portuguesa;
0.	Períodos curtos ordenados com opinião e fatos;
0.	Escrever no arquivo compartilhado do grupo (Classroom)

- | |
|--|
| <p>0. Fonte: Times New Roman, 12, espaçamento simples, justificado;</p> <p>0. Todos os integrantes deverão auxiliar na escrita seja no conteúdo, redação, correção do texto. A avaliação levará em consideração as edições no arquivo compartilhado.</p> |
|--|

Aliadas às orientações realizadas por escrito na proposta, também foram expostas oralmente algumas considerações, tais como a necessidade de: (a) Buscar argumentos coerentes para formular uma tese; (b) Criatividade e (c) Coerência como fio condutor entre opinião e argumentos.

Para análise, conforme antecipado, foram selecionadas, exclusivamente, as rasuras nas quais um mesmo escrevente retorna sob a sua própria escrita.

Com base na apresentação da fundamentação teórica, bem como ao recorte metodológico, na próxima etapa, são apresentados resultados da análise do gesto de rasurar, verificando-se sua relação com a(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Resultados

Com base na análise de todas as alterações realizadas em trinta enunciados produzidos por acadêmicos do curso de Direito, pode-se perceber poucas ocorrências nas quais o sujeito retorna sobre o seu próprio dizer, gestos denominados de rasuras em contexto digital. Foram identificadas treze ocorrências, das quais o principal outro em conflito era o outro, compreendido como “outra língua” (6 – 46, 5%); “outro sentido” (05 – 38, 46%) e “outro discurso” (2 – 15,39%). A baixa recorrência de rasuras em contexto digital pode acontecer, possivelmente, por alguns acadêmicos produzirem, inicialmente, os enunciados de modo manuscrito e, posteriormente, passarem para o arquivo. Fato que não invalida a presente pesquisa, já que seria uma ilusão acreditar que se pode recuperar todos os gestos de escrita em processo, uma vez que esses gestos não deixam, obrigatoriamente, uma marca a ser seguida pelo pesquisador. A partir de pesquisas com um *corpus* mais robusto, objetivo do projeto de doutorado em andamento, pode-se chegar a considerações quantitativas mais seguras. Contudo, sabendo que se trata de uma atividade acadêmica, portanto, cerceada pela relação de poder, que atribuem, linguisticamente, a necessidade do uso de uma variante linguística “cultura”, explicitada na proposta, pode ter sido um importante “gatilho” para a manifestação mais recorrente do “outro”, considerado outra língua/outra variedade linguística. Além disso, caso fossem analisados outros enunciados em outras situações sociodiscursivas, que não as escolares, outros resultados quantitativos diferentes poderiam ser encontrados, vez que outras relações estariam envolvidas. Diante disso, busca-se neste estudo destacar, qualitativamente, os diferentes outros presentes nos enunciados analisados. Para isso, a seguir, analisou-se as ocorrências identificadas.

O conflito mais recorrente, ou seja, rasuras que remetem a uma outra língua/variedade de língua (familiar, regional, “standart”), configuram-se como “glosas que nomeiam o estrangeiro” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 14), tais como o exemplo da autora: “Feijões verdes, al dente, como dizem os italianos”, em que se percebe via itálico o caráter outro de “al dente” atribuído pelo locutor. Embora a marca que se segue não seja o itálico, ao analisar-se o primeiro gesto de escrita e o último gesto, visualiza-se, em termos de virtualidade, esse movimento de rachadura em função do caráter estrangeiro atribuído ao primeiro gesto, negado, conforme ilustramos a seguir:

“Da no coração o medo que um dia o mar também vire sertão” - Sá e Guarabyra. Sustentabilidade **significaconsis**te em suprir as necessidades **de presentecontemporâneas** sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprirem as suas próprias obrigações.

Fig. 2: Exemplo de rasuras conflito com outra língua

O escrevente registra num primeiro gesto: “sustentabilidade significa” e “necessidades do presente”; posteriormente substituindo por “sustentabilidade consiste em” e “necessidades contemporâneas”, que remetem a uma hesitação ou êxito na representação de uma dada palavra “ideal”. Assim, embora essas palavras guardem relações de sinonímia, algo provoca o estranhamento, surgindo a rasura. O conflito parece instaurado por uma das representações de nomeação ou de “propriedade” em vistas de uma “adequação”. O outro que parece emergir seria outra língua/outra variedade linguística, já que haveria uma negação a uma palavra em função da outra, objetivando uma representação do que seria a escrita “ideal” ou “adequada”. No próximo exemplo também se percebe este gesto, contudo, agora incidente sobre outra característica da língua:

O Brasil é naturalmente privilegiado, pois é um dos **paísespaíses que mais possuem água doce no mundo. Sendo assim a preservação, a sustentabilidade, e o não desmatamento **sa são** o de suma importância.**

Fig. 3: Exemplo de rasuras conflito com outra língua

De modo mais explícito, o outro, tomado como outra língua/variedade linguística, também emerge nas rasuras vinculadas à inserção de acento gráfico em: “países” e “sao”, inicialmente não acentuados e, no último gesto, registrados com o acento convencional previsto na língua. Parece ocorrer um alçamento na escrita padrão, cujos registros dessas palavras, devem, obrigatoriamente, serem com acento agudo, portanto, o conflito também sinaliza o estranhamento com esse “outro”, outra língua/outra variedade, não reconhecida como sua. Além disso, que esse possível “gatilho” pode se dar, principalmente, por ambas as palavras serem frequentes ao longo do enunciado, bem como serem palavras comuns em muitas práticas letradas nas quais o acadêmico está inserido.

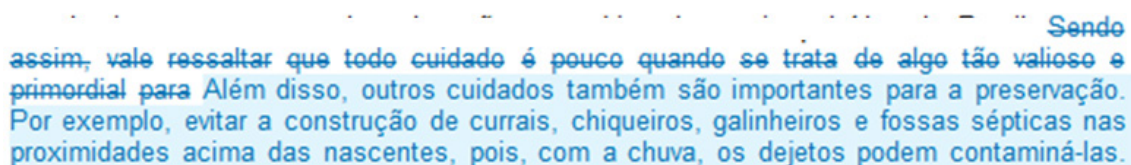
De modo diferente, outras rasuras indiciam não coincidências do discurso com ele mesmo, que atuaria outro, entendido *como outro discurso*, ou seja, ocorrência de rasuras que apontam para presença estranha de palavras representadas como pertencentes a outro discurso. Um exemplo disso, Authier-Revuz (2004) assinala: “X, como se diz lá nesse meio, nesse tipo de discurso”. Na presente pesquisa de modo semelhante, não linguisticamente, mas por meio de uma virtualidade, foi possível perceber esse conflito subjacente ao gesto de substituir, mediante apagamento de “brasileira” e a inserção de “Brasileira”, denotando virtualmente, um conflito entre discursos, uma vez que haveria, um gesto como de “Constituição Federal brasileira, como se diz, frequentemente, no meio jurídico “Constituição Federal Brasileira”.

Como podemos observar no artigo 225 da Constituição Federal **brasileira Brasileira, assegura a todos os humanos o direito e proteção ao meio ambiente ecologicamente equilibrado como bem coletivo, indicando ainda o dever de defesa deste meio para as futuras gerações.**

Fig. 4: Exemplo de rasuras conflito com outro – outro discurso

A oscilação entre “Constituição Federal brasileira” para “Constituição Federal Brasileira” não pode ser reconhecida como mera alteração para letra maiúscula, já que remete, ao mesmo tempo, ao deslocamento de sentido entre um adjetivo, grafado com letra minúscula e ao nome próprio, reconhecendo, assim, a possibilidade de “Brasileira” ser parte integrante do nome da Constituição, forma gráfica frequente do meio jurídico, dada a importância do referido documento, constituído como Carta Magna. Emerge, aqui, mais do que uma “adequação” como nos exemplos anteriores, mas sim a presença do estranhamento com o adjetivo, vinculado ao discurso genérico, leigo: “brasileira” logo, representado desvinculado de uma área profissional; e “Brasileiro”, como componente do nome próprio de um documento muito explorado e discutido nas práticas sociais imersas no curso de Direito, principalmente, no primeiro ano do curso, fase em que se encontra o escrevente, ou seja, uma marca de representação da heterogeneidade mostrada, que insere o não um, por meio do rasuramento.

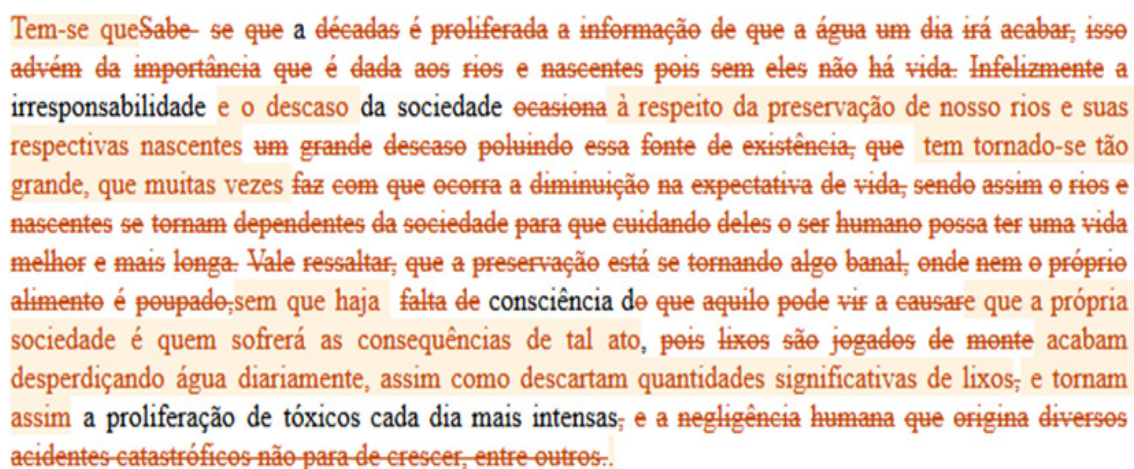
Em outra ocorrência, de não coincidência do discurso com ele mesmo, o primeiro gesto de escrita “[...] vale ressaltar *que todo cuidado é pouco quando se trata de algo tão valiosos e primordial*”, substituído por “[...] outros *cuidados também são importantes para preservação* [...]”:



Sendo assim, vale ressaltar que todo cuidado é pouco quando se trata de algo tão valioso e primordial para Além disso, outros cuidados também são importantes para a preservação. Por exemplo, evitar a construção de currais, chiqueiros, galinheiros e fossas sépticas nas proximidades acima das nascentes, pois, com a chuva, os dejetos podem contaminá-las.

Fig. 5: Exemplo de rasuras conflito com outro – outro discurso

Percebe-se a tentativa de instaurar um, no ponto que julga ameaçado (AUTHIER-REVUZ, 2004), que na ocorrência (Fig.5) parece haver um desdobramento entre o discurso do conhecimento empírico por meio de uma expressão genérica: “todo cuidado é pouco”, substituída por uma que representaria o discurso acadêmico/científico, já que no último gesto, registra um enunciado informativo, seguido de exemplificação: “Além de outros cuidados são importantes para preservação. Por exemplo [...]”. Operaria a virtualidade do gesto de “X, no sentido que fulano emprega” (AUTHIER-REVUZ, 2004). Ocorrência semelhante pode ser observada no enunciado a seguir:



Tem-se que sabe-se que a décadas é proliferada a informação de que a água um dia irá acabar, isso advém da importância que é dada aos rios e nascentes pois sem eles não há vida. Infelizmente a irresponsabilidade e o descaso da sociedade ocasiona à respeito da preservação de nossos rios e suas respectivas nascentes um grande descaso poluindo essa fonte de existência, que tem tornado-se tão grande, que muitas vezes faz com que ocorra a diminuição na expectativa de vida, sendo assim os rios e nascentes se tornam dependentes da sociedade para que cuidando deles o ser humano possa ter uma vida melhor e mais longa. Vale ressaltar, que a preservação está se tornando algo banal, onde nem o próprio alimento é poupado, sem que haja falta de consciência de que aquilo pode vir a causar que a própria sociedade é quem sofrerá as consequências de tal ato, pois lixos são jogados de monte acabam desperdiçando água diariamente, assim como descartam quantidades significativas de lixos; e tornam assim a proliferação de tóxicos cada dia mais intensas; e a negligência humana que origina diversos acidentes catastróficos não para de crescer, entre outros.

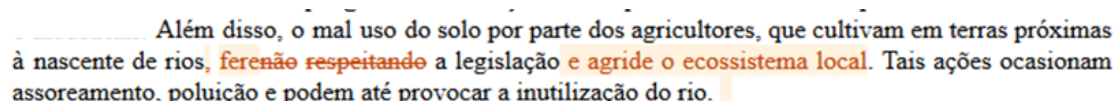
Fig. 6: Exemplo de rasuras conflito com outro – outro discurso

Os dizeres registrados e abandonados, no primeiro gesto, vinculam-se ao conhecimento empírico/cotidiano “a água um dia irá acabar” e “sem os rios e nascentes não há vida” são abandonados após

o rasuramento, abrindo espaço para a representação do- que seria discurso acadêmico/científico “a irresponsabilidade e o descaso da sociedade [...] tem tornando-se grande, sem que haja consciência de que a própria sociedade é quem sofrerá as consequências de tal ato”. Pode-se dizer, portanto, que o retorno encena um jogo de um discurso outro, ou seja, “dá testemunho da potencialidade de um sentido outro que ele “encontra”, não “na língua”, mas nas palavras aqui e agora” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 31).

Em síntese, nessas duas últimas ocorrências, o conflito com o outro, compreendido como outro discurso, parece sinalizar para um embate entre a representação do que seria um discurso acadêmico e o que seria um discurso empírico, em que nos primeiros gestos de escrita parecem ancorar-se na representação do discurso empírico e no último gesto, na representação do que seria o discurso acadêmico/científico. Tal interpretação é possível, em função dos ecos de expressões genéricas cotidianas, abandonados nos enunciados produzidos inicialmente, em oposição à “escrita final”.

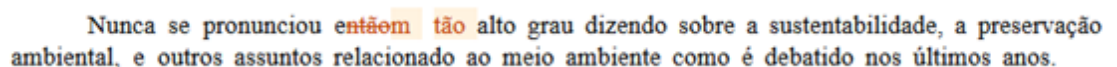
De modo diferente, também, foram identificadas ocorrências compreendidas como manifestação da heterogeneidade mostrada em rasuras que indiciam a *uma não coincidência das palavras com elas mesmas*, abrigando rasuras que parecem jogar com outros sentidos, tais como polissemia, homonímia, metáforas ou trocadilhos (AUTHIER-REVUZ, 2004). Nesses casos, “ao lado do sentido dado como corrente, um sentido é constituído por uma palavra por referência a um outro sentido produzidos alhures, no interdiscurso ou na língua (AUTHIER-REVUZ, 1990. p. 30), conforme o exemplo a seguir:



Além disso, o mal uso do solo por parte dos agricultores, que cultivam em terras próximas à nascente de rios, **ferenão respeitando a legislação e agride o ecossistema local**. Tais ações ocasionam assoreamento, poluição e podem até provocar a inutilização do rio.

Fig. 7: Exemplo de rasuras conflito com outro – outra consideração de sentido

Ao registrar “o mal uso do solo por parte dos agricultores [...] não respeitando a legislação”, no gesto inicial, para posteriormente, “fere a legislação e agride o ecossistema local”, a substituição, da negativa do verbo ‘respeitar’ denotativa, pela seguida da inserção de verbos metafóricos “fere” e “agride”, deixa aparecer no limiar do discurso o não um. Reconhece-se, nesse gesto, um jogo não consciente, com outros sentidos, vinculados à linguagem metafórica “fere” e “agride” em oposição ao sentido denotativo de “não respeitar”. De modo semelhante, a rasura a seguir também sinaliza para o outro, considerando “outra modalidade de sentido”, contudo, agora o jogo se dá entre palavras homófonas:



Nunca se pronunciou **então** tão alto grau dizendo sobre a sustentabilidade, a preservação ambiental, e outros assuntos relacionado ao meio ambiente como é debatido nos últimos anos.

Fig. 8: Exemplo de rasuras conflito com outra língua

Pode-se inferir que aspectos fonético-fonológicos da língua, parecem estimular esse lugar de ‘escuta’ por meio da oscilação entre “então” e “em tão”. Nessa ocorrência, o que está em jogo é heterogeneidade da escrita, uma vez que o primeiro gesto – registro do “então” – advérbio pode ter sido motivado, não por aspectos morfossintáticos e semânticos, mas sim pelos aspectos prosódicos e a homófonos, uma vez que “em tão”, registrada no último gesto. Sobre esse tipo de registro destaca Tenani (2017, p. 617) casos em que as palavras são homófonas e não homônimas, devido à grafia desses pares depender de informações morfossintáticas, pode-se perceber que “a informação verbo-visual sobre a colocação do espaço em branco é fundamental para a representação ortográfica dessas formas linguísticas” (TENANI,

2017, p. 616). Acrescenta, ainda, a mesma autora que, nesses casos, percebe-se uma “ancoragem em características prosódicas dos enunciados falados (que abrange diferentes constituintes prosódicos) se apresenta como fator importante que motiva as grafias não-convencionais atestadas (TENANI, 2017, p. 617).

Considerações finais

As rasuras em contexto digital presentes em enunciados produzidos por acadêmicos sinalizam a existência de três campos de não coincidência do (seu) dizer. Identificou-se três possíveis outros: outra língua/variedade, outro sentido e outro discurso. Esses gestos não podem ser considerados reflexo exato que daria acesso ao real da enunciação, mas com as hipóteses teóricas sobre esse funcionamento real (AUTHIER-REVUZ, 2004), por isso representações. A representação mais recorrente ao longo dos trinta enunciados foi o outro, considerado “outra língua/outra variedade linguística” (46,15%), contudo, também foram identificadas ocorrências de “outro sentido” (38,46%) e “outro discurso” (15,39%). Essas formas de representação não dependem da intencionalidade, mas podem ser consideradas como “negociações obrigatórias de qualquer enunciatador com o fato das não coincidência que afetam irredutivelmente seu dizer” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 85). Dito de outra forma, estando o escrevente imerso numa prática letrada no interior da universidade, pressupõe o estabelecimento de relações de poder instituídas neste cenário.

Esses tropeços, hesitações e rachaduras tomadas como virtualidades das manifestações linguísticas de heterogeneidade enunciativa mostra que rasuras em contexto digital, presentes em enunciados de acadêmicos, do primeiro ano de Direito, sinalizam conflito com diferentes outros: outra língua ou variedade linguística, indiciando a

uma “palavra certa”; outro sentido, por meio da substituição por metáforas ou mesmo relações homônimas na qual atuariam aspectos fonético-fonológicos e a heterogeneidade da escrita; outro discurso, com destaque do entrelaçamento da representação do discurso científico/acadêmico, discurso jurídico e o discurso empírico/cotidiano.

Neste cenário, pode-se fazer uma analogia à Tfouni (2006) que observou nos enunciados produzidos por adultos não escolarizados, quando confrontados com o discurso científico, tomado como “estranho” aos sujeitos, o substituíam por genéricos familiares, mais próximos ao seu conhecimento de mundo, como os provérbios. De modo inverso, o acadêmico em processo de escrita, quando rasura, parece tentar trazer para a situação outra ordem de conhecimento padrão, científica, jurídica, ligada às relações pragmáticas, bem como às relações de poder subjacentes às práticas de letramento acadêmico.

Nota-se que, muito diferente de olhar as rasuras como sujeiras a serem extirpadas ou como manifestações com vistas a uma adequação de caráter metalinguístico, na análise deste estudo, de caráter preliminar, as rasuras foram consideradas “‘esforço’ que o enunciatador faz para tratar – suprimir ou acolher [...] estes ‘outros sentidos’ que não ‘dormem’, mas ‘existem’, não ‘abolidos’ pelo contexto, em um ponto X do dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 30, *grifos da autora*).

Os achados do presente estudo indiciam a necessidade de mais pesquisas, com um corpus mais robusto, a partir das quais poder-se-ia tecer considerações sobre a escrita na academia e, quais outros emergem e, de quais outros objetivasse defender. Pesquisas como essas poderiam contribuir, indiretamente, para um ensino que considere a escrita em seu caráter processual e não meramente acabado, tal como as práticas de escrita na universidade têm sido consideradas.

Referências

- ABAURRE, M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. **Português: contexto, interlocução e sentido**. Editora Moderna, 2008.
- AUTHIER- REVUZ, J. Paradas sobre as palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita. **Educação e Realidade**, v. 36, n. 3, p. 651-679, 2011.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- AUTHIER- REVUZ, J. **Palavras incertas**. As não-coincidências do dizer. Campinas: Unicamp, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativas(s). **Cad.Est.Ling.**, v. 19, jul./dez., p. 25-42, 1990.
- BIASI, P. M. O Horizonte genético. *In*: ZULLAR, R. **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 219-244, 2002.
- CALIL, E. **Trilhas da Escrita: autoria leitura e ensino**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- CALIL, E. **Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas**. Londrina: Eduel, 2004.
- CALIL, E; FELIPETO, S. C. A singularidade do erro ortográfico nas manifestações da língua. **Estilos de Clínica**, v. 13, n. 25, p. 118-137, 2008.
- CALIL, E; FELIPETO, S. C. Entre o oral e o escrito: as posições de sujeito nas rasuras. **Letras Hoje**, v. 36, n. 125, p. 347-353, 2001.
- CAPRISTANO, C. C. Um entre outros: a emergência da rasura n o processo de aquisição da escrita. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 3, p. 667-694, 2013.
- CAPRISTANO, C. C.; MACHADO, T. H. S. Uma análise quantitativa de rasuras ligadas à segmentação em enunciados produzidos no Ensino Fundamental I. **Revista Linguística**. v. 11, n. 1, jun., p. 216-229, 2015.
- CORRÊA, M. L.G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. **Revista da ABRALIN**, v.10, n. 4, p. 333-356, 2011.
- FELIPETO, S. **Rasura e Equívoco no processo de escritura em sala de aula**. Londrina: EDUEL, 2008a.
- FELIPETO S. Sobre os mecanismos linguísticos subjacentes ao gesto de rasurar. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 50, n. 1, p. 91-101, 2008b.
- GINZBURG, C. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. *In*: Eco, H.; Sebeok, T. A. **O signo de três**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- KOMESU, F; GAMBARATO, R. R. Letramentos acadêmicos no ensino superior: aspectos verbo-visuais no processo de textualização em contexto semipresencial. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 16, n. 1, p. 15-38, 2013.
- LILLIS, T. Whose common sense. *In*: JONES, C. **Essayist literacy and the institutional practice of mystery**. 127-140, 1999.
- MACHADO, T. H. S.; CAPRISTANO, C. C. Rasuras ligadas à segmentação de palavras na aquisição da escrita. **Educação em Revista**, v.32, n. 1, p. 337-364, 2016.
- MACHADO, T. H. S. **Rasuras ligadas à segmentação de palavras na escrita infantil**. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, 2014.
- MARINHO, M. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010.
- SILVA, M. I. L. Crítica genética na era digital: o processo continua. **Letras de Hoje**, v. 45, n. 4, p. 43-47, 2010.

STREET, B. V. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. **Revista Perspectiva**, v. 28, n. 2, p. 541-567, 2010.

TENANI, L. Estruturas morfossintática e prosódica dos enunciados: fatores para hipersegmentações. *Domínios da Linguagem*, v. 11, n. 3, 2017.

TFOUNI, L.V. **Adultos não-alfabetizados em uma sociedade letrada**. São Paulo: Cortez, 2006.

ZULAR, R. **Criação em processo**: ensaios da crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002.

WILLEMART, P. Universo da criação literária: Crítica Genética, Crítica Pós-Moderna. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1993.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso? letramento acadêmico, identidade e poder no ensino superior. **Letramentos**. Campinas, Mercado de Letras, p. 71-95, 2010.

Submissão: agosto de 2020.

Aceite: outubro de 2020.